

RELATO DE EXPERIÊNCIA

OFICINAS PEDAGÓGICAS COMO DISPOSITIVOS PARA A FORMAÇÃO DOS FORMADORES DO PROGRAMA TOPA/FAMAM

*Ângela Maria Gusmão Santos Martins¹
Jucinalva Bastos de Almeida Costa²
Generosa Sousa Ribeiro³*

Resumo: Este trabalho trata da utilização de oficinas pedagógicas como dispositivos para a formação de formadores do Programa Todos pela Alfabetização (Topa), tomando como referência a avaliação apresentada pelos formadores que participaram desse processo, na Unidade Formadora Faculdade Maria Milza (Famam). Para que se analisasse a oficina como instrumento pedagógico de formação, foi aplicado um questionário aberto, com 15 (quinze) questões, a 14 profissionais codificados pelas letras do alfabeto (de A até O).

¹ Graduada em Letras pela Universidade Católica do Salvador. Mestre em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunto do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Assessora Pedagógica do Programa Topa/Famam. E-mail: angelauesb26@hotmail.com.

² Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestrado em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Educação do Ensino Superior pela Fundação Visconde de Cairu-Ba. Coordenadora pedagógica da Faculdade Maria Milza. Consultora pedagógica da Prefeitura Municipal de Jacarai-BA. Diretora Geral e coordenadora de projetos do Centro Educacional Maria Milza. Coordenadora Geral do Programa Topa/Famam.

³ Bióloga, Doutoranda em Ciências Agrárias, com concentração em Fitotecnia na linha de pesquisa: Bioecologia e Manejo de Insetos Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Mestre em Agronomia, concentração em Fitotecnia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Coordenadora (pela UESB) do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). Docente do Programa de Formação de Professores da UNEB, Campus VI e consultora administrativa do Programa Topa/Famam.

Foram três as dimensões encontradas, nas falas dos (as) entrevistados (as), sobre a importância da oficina pedagógica como dispositivo de formação: a) promove a participação e a criatividade; b) permite a construção do processo ensino/aprendizagem de forma dinâmica, efetiva e prazerosa; c) caracteriza-se por ser uma prática contextualizada, aberta e facilitadora da compreensão de diversas atividades. Os formadores indicaram que a oficina pedagógica é um importante dispositivo para dinamização da prática de ensino/aprendizagem, pois, segundo eles, ela estimula a criatividade e a participação coletiva. A oficina pedagógica é considerada ainda por eles, como um dispositivo que permite a relação teoria/prática de forma a promover aprendizagens contínuas e contextualizadas.

Palavras chave: Formação de Formadores. Oficinas Pedagógicas. Topa.

Introdução

O Programa Todos pela Alfabetização (Topa) surgiu como uma iniciativa do Governo do Estado, no ano de 2007, visando promover a redução do analfabetismo na Bahia, tendo como objetivo formular políticas de educação para pessoas jovens, adultas e idosas, com vistas à sua escolarização e inclusão social, seguindo os mesmos princípios que norteiam o Projeto Político Educacional do Estado da Bahia. Trata-se de uma iniciativa do Governo que tem buscado o desenvolvimento de ações que visam promover a redução do analfabetismo na Bahia, bem como, ampliar a escolaridade de pessoas jovens, adultas e idosas. Para isso, foram realizados “estudos e pesquisas, formação continuada de professores alfabetizadores” e coordenadores de turmas e ainda, desenvolvidos “instrumentos e mecanismos de acompanhamento e avaliação, produção de material didático-pedagógico, dentre outras ações” que visaram assegurar a sua efetividade (BAHIA, 2011, s.p.).

As ações do Topa são financiadas pelo Programa Brasil Alfabetizado; estão acontecendo em quase todo o estado da Bahia; têm duração de oito meses; são supervisionadas pela Secretaria de Educação (SEC) e acompanhadas pelas Unidades Formadoras que desenvolvem ações pedagógicas por meio de visitas e aplicação de Teste Cognitivo de entrada e de saída. A formação dos alfabetizadores tem a duração de 60 horas,

sendo 40 horas de formação inicial e 20 horas de formação continuada durante o processo de alfabetização, visando diagnosticar o processo ensino aprendizagem. As ações acontecem respeitando a um cronograma, realizadas pelos coordenadores de área das Unidades Formadoras.

Este relato de experiência apresenta o trabalho realizado nas oficinas pedagógicas de Linguagem e Matemática como dispositivo para a formação dos formadores do Programa Todos pela Alfabetização (Topa) na Unidade Formadora Faculdade Maria Milza (Famam). A Famam é uma das unidades formadoras do Topa e está localizada no município de Cruz das Almas, Bahia.

A Famam adotou, para a realização da formação inicial (40h) e continuada (20h), o trabalho articulado entre a teoria e a prática, utilizando oficinas pedagógicas como instrumental para subsidiar as ações pedagógicas nas turmas de alfabetização trazendo, para cada alfabetizador e coordenador de turma, algumas ferramentas necessárias para o desenvolvimento de suas atividades em sala de aula.

O Topa/Famam foi iniciado no ano de 2011, com a intenção de desenvolver ações no que tange à alfabetização de jovens e adultos na região do Recôncavo baiano. Para ingressar no Programa Topa como Unidade Formadora, a Famam apresentou uma proposta baseada na pedagogia freiriana tendo como focos: a) a quebra das barreiras do analfabetismo político em primeiro plano; b) em consequência disso, a aquisição da linguagem escrita pelos jovens, adultos e idosos trabalhadores e trabalhadoras, de forma que possam exercer seus direitos e deveres de cidadãos, atores sociais, olhando o mundo de acordo com sua experiência e seu meio. A proposta pedagógica da Famam destaca o respeito às diferenças e o direito à igualdade. Também contempla a diversidade da população brasileira e especialmente da população baiana em aspectos que são fundamentais para o sucesso de um programa ou, mais especificamente, de uma política pública de educação como a que foi proposta pelo Programa Topa: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, de geração e de etnia.

Para fortalecer o trabalho pedagógico instituído pela Famam

foram realizadas ações destinadas aos professores formadores visando dar unidade ao processo desenvolvido nos dois módulos, tanto no de 40 horas quanto no de 20 horas. Para a construção do planejamento da formação, foram desenvolvidas oficinas pedagógicas.

As oficinas desenvolvidas tiveram como propósito, além dos já mencionados anteriormente, discutir o trabalho que vem sendo realizado pelo Programa nos municípios sob a jurisdição da Unidade Formadora Famam para que, no segundo momento, na formação continuada (20h), fosse possível atender às demandas apresentadas por alfabetizadores e coordenadores de turmas. Buscou-se discutir o trabalho que estava sendo realizado, o que aconteceu por meio da leitura e análise dos dados advindos dos relatórios de acompanhamento elaborados pelos coordenadores de áreas e apresentados à coordenação pedagógica que fez as suas considerações sobre o trabalho que estava acontecendo. De posse dos dados, foi possível planejar a formação que deveria acontecer em forma de oficinas pedagógicas.

O Programa Topa e a Unidade Formadora Famam

O Programa Topa está voltado para a realização de práticas de letramento e de alfabetização junto às pessoas jovens, adultas e idosas que não tiveram acesso ao ensino regular. Para a realização de tais práticas o Programa prevê, dentre outros procedimentos, a realização de formação inicial e continuada para aqueles que atuarão direta e indiretamente no processo de alfabetização: alfabetizadores, coordenadores de turma e intérpretes de Linguagem Brasileira de Sinais (Libras).

A proposta metodológica elaborada pela Famam para a formação dos educadores pressupõe que somente o acesso à leitura e à escrita não é o suficiente para a transformação social e, conseqüentemente, para a constituição da cidadania. Acredita que se faz necessária a ampliação do acesso ao conhecimento produzido pela sociedade, por meio do desenvolvimento de habilidades linguísticas e da formação humana. Sendo assim, o acesso e a ampliação da

escolaridade são as metas a serem alcançadas para, posteriormente, encaminhar os egressos do Topa aos programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que já estão funcionando em muitos municípios do Estado da Bahia.

A alfabetização destinada a jovens, adultos e idosos deve ser entendida como um conjunto de processos formais ou não formais de oportunidades de educação existentes em uma sociedade educativa e multicultural. Nessa perspectiva, deve ser uma ação que reconhece os enfoques teóricos baseados na prática (DI PIERRO; RIBEIRO; JOIA, 2001), que deve ter como objetivo precípua o desenvolvimento de processos construtivos necessários ao aprendizado da leitura e da escrita da língua materna, preparando os educandos para a utilização de diversas linguagens - verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meios para produzir e comunicar ideias e interpretar as produções culturais, tendo em vista uma compreensão crescente e crítica da realidade.

A concepção apresentada guarda coerência com o que está expresso na Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96), no seu Art. 1º, que inclui a alfabetização de jovens e adultos na EJA. A Lei assegura que os processos formativos são iniciados e desenvolvidos na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Diante desses indicativos, o processo de alfabetização para jovens e adultos precisa satisfazer às necessidades educacionais próprias da educação básica, enunciadas no Art. 22 da LDB 9.394/96: “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996).

Os princípios que norteiam a concepção de direitos humanos e de formação humana compõem os fundamentos metodológicos dos processos de alfabetização, de letramento e de escolarização para as pessoas jovens, adultas e idosas. Entende-se que tais princípios valorizam os saberes adquiridos na labuta cotidiana dos educandos e que estes

devem ser sistematizados de forma a permitir que a pessoa possa se inserir e atuar na sociedade letrada com maior autonomia. O trabalho a ser realizado pelo Topa necessita estar pautado em princípios que norteiem a construção de um currículo que busque atender às demandas dos alunos, ou seja, que esteja pautado nos interesses dos sujeitos e nos contextos em que se desenvolvem.

Outro aspecto importante refere-se ao entendimento de que a prática de leitura e escrita antecede à escola, extrapola o currículo oficial e coloca o jovem, o adulto e o idoso como “portadores” de estratégias cognitivas capazes de estabelecer relações entre o conhecimento escolar e a vida. Pressupõe a amplitude que o conhecimento, escolar e não escolar, pode alcançar com base nessas relações. Nesse sentido, a prática de alfabetização amplia a visão de conhecimento de mundo do educando.

Ensinar a leitura e a escrita tem sido um grande desafio para os alfabetizadores que têm se deparado com uma série de problemas que não conseguem resolver. Assim, questiona-se: o que fazer para ajudar aqueles que não conseguem acompanhar o grupo? Como incentivar a leitura e a escrita se nem mesmo o alfabetizador lê diariamente? O que fazer com tantos alunos em diferentes níveis cognitivos? Como deve acontecer a intervenção pedagógica se a maioria dos alfabetizadores apresenta sérias dificuldades para alfabetizar?

Buscando responder a esses questionamentos, os formadores da Famam passaram a refletir sobre o trabalho pedagógico que deveria ser realizado. Para eles, seria preciso entender que o ato de ler deve ser compreendido como apreensão da realidade, realidade esta que deve ser apresentada para o aluno por meio de várias linguagens. Isso implica dizer que a leitura não deve se restringir apenas a um ato de reconhecimento e reprodução de palavras e frases, mas ser uma ação ampla que oferece a oportunidade de trazer, para o texto lido, a experiência e a visão de mundo do leitor.

Segundo Freire (1985, p. 74), “Ler não é caminhar e nem voar

sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo, é perceber a conexão entre o texto e contexto do texto e como vincular com o meu contexto”. Ao contrário do que muitos educadores pensam, ler não é apenas decifrar a escrita, mas dar sentido a ela, tendo como base o conhecimento de mundo adquirido em leituras anteriores.

A escola tem buscado cumprir o seu papel, ou melhor, a sua função básica de ensinar a ler e escrever e, nessa tentativa, tem privilegiado a leitura do texto escrito e negligenciado a “leitura de mundo” que o aluno já faz quando chega à escola para ser alfabetizado.

A prática pedagógica para ensinar a escrever tem priorizado a cópia e o ditado, deixando de lado a produção textual. Muitas vezes tem desconsiderado o contexto em que o aluno está inserido e assim, muitas vezes, tem impedido que se torne um leitor e escritor crítico.

Pensando nestas questões, foram apresentadas algumas atividades para serem trabalhadas no processo de alfabetização. Atividades estas que tiveram por objetivo despertar o interesse dos alunos pelo aprendizado da leitura e da escrita.

Pessoas jovens, adultas e idosas, pouco ou nada escolarizadas, possuem muitos conhecimentos matemáticos construídos no decorrer de suas vidas, no entanto, esses conhecimentos muitas vezes são ignorados na educação escolar. Frequentemente realizam cálculos mentais baseando-se em situações do cotidiano, sem a representação por numerais convencionais. A Matemática, nesta perspectiva, tem valor considerável no uso diário.

Na atualidade, a Matemática possui aplicações que ultrapassam os usos mais frequentes do cálculo simples. Ela contém emprego formativo que ajuda a estruturar o pensamento, o raciocínio dedutivo e contribui de forma decisiva para o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas presentes na realidade na qual estão inseridos os sujeitos. Para tanto, é necessário formalizar atitudes de investigação que proporcionem formas de lidar matematicamente com situações que contribuam para a formação de uma visão ampla, criativa e também científica do uso da Matemática na realidade.

Assim, para o Topa, a Matemática precisa ser vista como

instrumento de expressão, de raciocínio e compreensão de ideias que se desenvolvem em estreita relação com o todo social e cultural. Consequentemente, deve possuir também uma dimensão histórica e situa-se como linguagem representativa de aspectos da vida que não podem deixar de ser considerados na prática pedagógica da alfabetização inicial ou continuada.

As competências e habilidades esperadas com a aplicação da Matemática no processo educativo incluem um relacionamento com as demais áreas do conhecimento, tendo-se como critério central a contextualização. A aplicação da Matemática deve ter como objetivo primordial propiciar o envolvimento do alfabetizando com a linguagem, com os conceitos e com os procedimentos próprios dessa área de conhecimento, de modo a contribuir para que o alfabetizando aprenda os valores e as atitudes fundamentais que ampliem cotidianamente a leitura e a aplicação da Matemática.

Na formação dos formadores, em um primeiro momento, discutiu-se sobre como o Programa vinha funcionando nos municípios e quais seriam os principais problemas de cunho metodológico que estavam acontecendo. Assim, após as discussões, apresentou-se para a equipe de formadores uma série de atividades para serem trabalhadas na formação (20h) discutindo-as e adaptando-as à realidade de cada localidade.

Para a realização do trabalho em oficinas, cada formador recebeu um caderno de atividades que serviu para subsidiar os procedimentos a serem adotados. No primeiro dia, aconteceu a Oficina de Matemática e no segundo dia a Oficina de Linguagem. As atividades práticas foram elaboradas sempre após momentos de reflexão acerca do processo de aquisição da leitura, da escrita e da Matemática.

As atividades propostas apresentaram procedimentos didáticos que priorizaram a interação grupal tendo como objetivos principais: a) (re) significar o ato de ler, de escrever e de matematizar; b) fundamentar os formadores para o trabalho com os alfabetizadores, coordenadores de turmas e tradutores da Linguagem Brasileira de Sinais do Programa Topa, habilitando-os para darem continuidade ao processo de alfabetização de

jovens, adultos e idosos sob um enfoque pedagógico sócio-histórico-cultural do processo ensino-aprendizagem da leitura, da escrita e da Matemática, utilizando a dialética como método e o diálogo como estratégia.

Na formação que seria realizada, objetivava-se que os cursistas, alfabetizadores e coordenadores de turmas discutissem as dificuldades enfrentadas no dia a dia da sala aula, para que fosse possível redimensionar o trabalho pedagógico, tomando como referência os princípios metodológicos do Topa, a saber:

- a) Aprofundar conhecimentos sobre princípios metodológicos e teóricos que alicercem a prática pedagógica;
- b) Refletir sobre a própria prática como educador;
- c) Utilizar instrumentos que articulem planejamento e avaliação para promover avanços no processo de alfabetização;
- d) Discutir abordagens teóricas e práticas que contribuam para a ampliação do conhecimento do sistema alfabético e dos usos sociais da leitura e da escrita;
- e) Refletir sobre uma educação democrática e participativa baseada no diálogo, na troca de conhecimentos e na reflexão crítica sobre a realidade;
- f) Refletir sobre a alfabetização com base numa perspectiva transformadora, a partir do projeto de uma sociedade mais justa e igualitária;
- g) Buscar uma dinâmica inovadora, com a proposição de uma prática com características alternativas, participativas e criativas que tenham como base a justiça social e a solidariedade.

Na primeira oficina denominada de “a Matemática e o seu sentido” trabalhou-se: a) símbolos, marcas e representações (fichas com o numeral e escrita, representação simbólica); b) o tempo: calendário, dias, meses, estações, datas especiais etc.; c) o dinheiro: compra e venda no supermercado, folhetos (rótulos), preenchimento de cheques, nota

fiscal e duplicata; d) tabelas: tabelas prontas para completar sequências; e) gráficos: leitura e interpretação de contas de água, luz etc.

No segundo dia, aconteceu a oficina de linguagem quando se trabalhou a alfabetização na perspectiva do letramento discutindo alguns pressupostos necessários para fundamentar o alfabetizador. Iniciou-se com o questionamento: O que devo fazer para alfabetizar letrando os meus alunos? Assim foram analisadas algumas atividades propostas pelo material didático adotado pelo Programa (Livro Didático) segundo um roteiro recebido que destacava a temática: Identidade (Qual é a história do meu nome? Nome próprio com todas as letras; Qual é o seu nome completo? Seus documentos, por favor!).

O segundo tema trabalhado foi: Nossas histórias de vida (espaço familiar, cidadania), quando se trabalhou: a) a identidade cultural, manifestações culturais (literatura, músicas, festas, danças etc.); b) o mundo do trabalho (profissões, direito e deveres do trabalhador); c) o mundo das imagens (leitura de mapas e construção de tabelas) e d) a vida no campo e na cidade (as transformações do espaço vivido).

Para o planejamento da formação (20h) foram apresentadas diversas sugestões de atividades para serem desenvolvidas durante a ação alfabetizadora nas turmas. Essas sugestões tiveram como base o livro adotado pelo Programa *Topa com o* com o objetivo de apoiar os alfabetizadores e coordenadores de turmas que, muitas vezes, saem da formação inicial (40h) ainda inseguros em relação à teoria e à prática, bem como quanto à utilização do livro didático no contexto do Programa.

Nesse sentido, destacou-se a importância do planejamento para subsidiar a organização das ações pedagógicas do Programa para as classes de alfabetização. O planejamento é um instrumento, por excelência, capaz de assegurar o diagnóstico das capacidades e conhecimentos prévios dos alfabetizandos, dos alfabetizadores e dos coordenadores de turmas. Quando bem elaborado, propõe o alcance de metas para a sistematização de aprendizagens e das práticas de ensino, bem como da organização dos instrumentos de avaliação do processo e da elaboração de novas estratégias para a solução de problemas

detectados. O planejamento das ações exige não só esforço individual do alfabetizador como também pode se constituir em um trabalho coletivo e compartilhado por coordenadores de turmas, alfabetizadores e gestor local.

Após a realização das oficinas pedagógicas, foi aplicado um questionário aberto, com 15 (quinze) questões, junto aos 14 (quatorze) formadores, com o objetivo de compreender o significado da oficina pedagógica como dispositivo de formação de formadores no Topa. Adotou-se como procedimento de análise e interpretação dos dados, a técnica da análise de conteúdo, definida como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Os dados foram organizados em dois temas, emergidos das falas dos sujeitos entrevistados. Os sujeitos foram codificados com letras do alfabeto (A até O).

Avaliação das oficinas como dispositivo pedagógico de formação de formadores no Topa

Nesse item serão discutidos os resultados da oficina pedagógica como dispositivo de formação de formadores, no Topa/Famam, organizados em dois temas: 1. Importância da oficina como dispositivo pedagógico; 2. Possibilidades de articulação entre a teoria e a prática no trabalho com as oficinas pedagógicas.

Sobre a importância da oficina como dispositivo pedagógico, a entrevistada A afirma que “O trabalho com oficina pedagógica estimula a criatividade e a interação entre participantes”; a B entende ser “motivador, produtivo”; para D, “torna o trabalho significativo e estimulante”; para a F, “o trabalho com oficina, torna-se atrativo e prazeroso”. Encontrou-se entre os (as) entrevistados (as) a dimensão

de participação e criatividade que envolve o trabalho com as oficinas. Nesse ambiente pedagógico, o educador e o educando devem “[...] estar sempre à procura de novos elementos para reforçar, esclarecer o que se julga saber” (ALVES, 2001, p. 64).

Para o entrevistado C, a oficina pedagógica “possibilita um aprendizado contínuo”; para o E, “facilita o aprendizado”; para G, “tem a função de dinamizar o processo ensino/aprendizagem”; para M, permite “vivenciar, de forma prazerosa, a construção do conhecimento”; L afirma que “desenvolve habilidades e facilita aprendizagem”; a entrevistada O diz que “favorece a aprendizagem mais efetiva e prazerosa”. Dentre esses entrevistados, aparece a dimensão de construção do processo de ensino e de aprendizagem, de forma dinâmica, efetiva e prazerosa com o uso de oficinas pedagógicas na prática de formação continuada.

A oficina, como dispositivo pedagógico de formação de formadores, proporciona uma concepção de ensino e de aprendizagem. Cada “pessoa, no processo de aproximação aos objetos da cultura, utiliza sua experiência e os instrumentos que lhe permitem construir uma interpretação pessoal e subjetiva [...]” (ZABALA, 1998, p. 90).

O entrevistado H entende a oficina pedagógica como um “momento de contextualização”; para a I, “facilita a compreensão de diversas atividades”; para a J, sua “natureza aberta e dinâmica, essencial, para o trabalho com Jovens e adultos”; para a K, é “caracterizada pela construção coletiva de análise da realidade, confrontação e intercâmbio de experiências”; para a N, “proporciona o conhecimento de novas metodologias de ensino”.

Assim, depreende-se da fala desses entrevistados a dimensão de uma prática contextualizada, aberta e facilitadora da compreensão de diversas atividades. Nesse contexto, concorda-se com Freire (1996, p. 69), quando afirma:

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, devo procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante.

As três dimensões encontradas nas falas dos entrevistados sobre

a importância da oficina pedagógica como dispositivo de formação, indicam a oficina pedagógica como um importante dispositivo de dinamização da prática de ensino e de aprendizagem por estimular a criatividade e a participação coletiva, pois: a) promove a participação e a criatividade; b) permite a construção do processo ensino aprendizagem de forma dinâmica, efetiva e prazerosa; c) caracteriza-se por ser uma prática contextualizada, aberta e facilitadora da compreensão de diversas atividades. Percebe-se então que, para os(as) entrevistados(as), a oficina pedagógica é caracterizada pela construção coletiva e contextualizada do saber e implica que “os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros” (FREIRE, 1978, p. 141).

Sobre possibilidades de articulação entre a teoria e a prática no trabalho com oficina pedagógica, os(as) entrevistados(as) afirmaram:

- “somente através de oficinas pedagógicas é que se pode levar os educandos a vivenciarem as duas vertentes do conhecimento: a teoria e a prática” (Entrevistado(a) A);
- “permite intervenções teóricas sobre a prática apresentada” (Entrevistado(a) B);
- “um conteúdo é trabalhado de forma teórica e em seguida, podemos praticar” (Entrevistado(a) C);
- “proporciona aprendizagens a partir de relações entre a teoria e a prática” (Entrevistado(a) D);
- “não ficamos apenas na teoria, indo para a prática” (Entrevistado(a) E);
- “o aluno constrói seu conhecimento, trazendo seus conflitos para a sala de aula” (Entrevistado(a) F);
- “a oficina é uma metodologia de trabalho que permite a relação teoria/prática” (Entrevistado(a) G).
- “a prática pedagógica com oficinas é de grande valia para quem busca associar teoria e prática” (Entrevistado(a) H);
- “permite compreender que a teoria pode se transformar em

- conhecimento significativo” (Entrevistado(a) I);
- “com oficinas, a relação teoria/prática, permite o intercâmbio de experiência” (Entrevistado(a) J);
 - “é preciso uma combinação entre a prática e a teoria num processo contínuo” (Entrevistado(a) K);
 - “a relação teoria e prática permite a aprendizagem” (Entrevistado(a) L);
 - “permite associar a cada atividade outras ideias” (Entrevistado(a) M);
 - “a oficina permite o aprimoramento da relação teoria/prática” (Entrevistado(a) N);
 - “a oficina estimula a relação entre a teoria e a prática” (Entrevistado(a) O).

Percebeu-se, pelas falas dos entrevistados, que a oficina pedagógica é um dispositivo que permite a relação teoria/prática de forma a promover aprendizagens contínuas e contextualizadas. Segundo Pimenta e Lima (2004), estudiosas da prática pedagógica, as teorias são explicações provisórias da ação docente e, nesse sentido, servem como instrumento de análise da prática numa perspectiva sempre dinâmica e inconclusiva.

Nesse movimento, a teoria coloca a prática em suspeição ao tempo em que, também, se questiona. Desse movimento entre a teoria e prática, surgem novas maneiras de *saber fazer* e novos sentidos são construídos nas interações sociais.

Nesse contexto, o acompanhamento pedagógico deverá funcionar como uma avaliação processual e contínua acompanhada pelo coordenador de turma que deverá avaliar o desempenho dos professores alfabetizadores para poder intervir positivamente, tanto nos momentos de planejamento das atividades como no momento de avaliação da prática pedagógica.

Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi compreender o significado da oficina pedagógica como dispositivo de formação de formadores, no Topa/Famam. Os resultados apontaram para a compreensão de que o trabalho com oficinas pedagógicas promove aprendizagens mais significativas e extrapola a dimensão de procedimentos que deveriam ser adotados nos momentos formativos, apontando para a criação de um espaço de construção de atividades de forma dinâmica e prazerosa.

PEDAGOGICAL WORKSHOPS AS DEVICE FOR TEACHERS EDUCATION AT TOPA/FAMAN

Abstract: The aim of this article is to analyze the use of workshops as a training device for teaching at Literacy for All Program (Topa). The collected data are the evaluation of trainees who participated in the process, the forming unit Famam. In order to examine the pedagogical workshop as an educational tool, we questioned 14 trainees encoded by the letters of the alphabet (from A to O) with an open questionnaire which had 15 questions. We found three dimensions about the importance of the workshop as a training device for teaching in the words of the respondents: a) first, it promotes the participation and creativity of the trainees, b) it allows the construction of the learning in a dynamic, effective and pleasant process, c) it is characterized by being a contextualized and open practice for understand various activities. The teachers indicated that pedagogical workshops are an important pedagogical device that boost the practice of teaching / learning and stimulates creativity and collective participation. Workshops are seen as a pedagogical device that allows the theory / practice relationship in order to promote continuous learning and contextualized.

Keywords: Training of Trainers. Pedagogical Workshops. TOPA.

Referências

ALVES, Claudio. Humildade. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Dicionário em construção:** interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

BAHIA, Secretaria de Educação. **TOPA:** não basta ensinar a ler e escrever. Disponível em: <<http://www.sec.ba.gov.br/topa/topa.html>>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

DI PIERRO, M. C.; RIBEIRO, V. M.; JOIA, O. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos do CEDES**, Campinas, n. 55, p. 58-77, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978. (Coleção O mundo, hoje, v. 21).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Vozes, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Artigo recebido em: 29/09/2011

Aprovado para publicação em: 23/11/2011